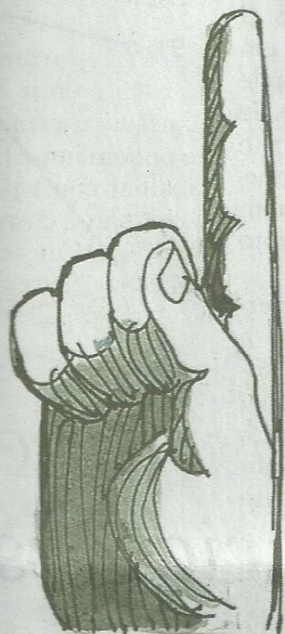




O GLOBO  
Sábado  
15/09/2018  
QUEM GANHA  
COM ISSO?



MARCELO

mbater, e que sequer  
nseguirá sobreviver.  
e o indivíduo tem a es-  
guma coisa que anda  
estado dos candidatos  
não fosse suficiente a  
representam.  
consciente, para além  
co, se encontra hoje  
Está diante do fato de  
tremamente adversa,  
el lhe coloca uma de-  
ividual para questões  
as e tramadas sem seu  
rticipação.  
há uma certa presun-

de Sigmund Freud. Embora Dawkins tenha  
dito que ideias possam ser equivalentes a  
genes, o fato de alguém ter escrito "Psicologia  
das massas e análise do eu" não é seme-  
lhante à descoberta da vacina, do antibióti-  
co. A patologia foi revelada, mas as ideias  
críticas não curam sintomas e causas que  
continuam sendo produzidas. É o dilema de  
todo psicanalista em sua faina diária.

E os brasileiros estão de novo encenando  
o drama de "Psicologia das massas e análise  
do eu": a regressão do indivíduo submerso  
na massa, a perda do raciocínio crítico, a  
união fraterna e subterrânea com os que  
idolotram o mesmo líder messiânico que  
anuncia esperança mágica comum a todos.

## Quem ganha com isso?

JERSON KELMAN



Lula utilizou a locomotiva estatal para puxar a economia no pós-2008, e o país viveu a era da marolinha. O primeiro governo Dilma dobrou a aposta, aumentando a dívida bruta. Dez anos atrás era 57% do PIB; hoje, 77%. Tinha-se a expectativa de que a queima desse "combustível" impulsionaria a locomotiva, criando riquezas e aumentando a arrecadação de impostos, o que permitiria o pagamento da dívida, numa feliz espiral positiva.

Só que, ao contrário, a espiral foi negativa: utilizou-se cada vez mais combustível para desenvolver velocidades cada vez menores. Até que a locomotiva começou a andar para trás. Dilma ainda tentou estancar a escalada do desequilíbrio fiscal, mas era tarde demais. Os passageiros trocaram de maquinista.

Hoje qualquer pessoa de bom senso sabe que o déficit primário não pode continuar e que o próximo presidente terá que liderar o país numa dolorosa transição. Porém, os candidatos não têm conseguido enunciar claramente quais sacrifícios precisam ser feitos para tirar o país do atoleiro, e quem os deve fazer.

Tipicamente, os entrevistadores constroem o candidato indagando quais medidas duras pretende adotar. Do tipo, "em seu governo, a gratuidade nas universidades públicas federais será preservada?"

Perguntas assim, que identificam os potenciais perdedores sem dar chance ao candidato de contextualizar o assunto de forma a deixar claro quem seriam os vencedores — no caso, as crianças atendidas pelo ensino básico — quase sempre são respondidas com evasivas.

Uma hipotética resposta direta, com a nomeação apenas das corporações que terão que abrir mão de vantagens extravagantes, resultaria na subtração dos votos dos potenciais perdedores, sem a adição de votos dos potenciais ganhadores.

Ainda está em tempo, para o bem do país, que os entrevistadores façam autocrítica e passem a permitir que os candidatos deem respostas complexas para questões complexas.